



CMUHE042279

FARIA, Ronaldo. Tempos do piano-bar: João Arnaldo Purchio lamenta a falta de espaços para tocar na noite. Correio Popular, Campinas, 21 maio 2003.

RONALDO FÁRIA

Da Agência Anhangüera

rfaria@rac.com.br

O músico pára e olha através do tempo e da janela. As palavras saem de sua boca como a conta-gotas, quase monossilábicas, em ritmo de compasso de espera. Do lado de fora, a manhã corre quieta como sua partitura preferida: feito uma rapsódia em azul. Na casa, o velho teclado faz presença de destaque na sala, retransmitindo sons vocais daquele que consegue arrancar-lhe sonoridade musical. Fã de George Gershwin e Cole Porter, o dono do piano, João Arnaldo Purchio, vai recordando os tempos da noite campineira em que a música ao vivo, num canto de bar, era rotina real. “A música na cidade está morrendo. Você não tem mais um piano-bar onde seja possível ouvir jazz ou bossa nova. Hoje é quase tudo mecânico e forró ou sertanejo... Mas a minha esperança é que isso mude. Se Deus quiser, ainda vão voltar os espaços musicais”, diz o músico da noite, do alto de mais de cinco décadas à frente de notas e acordes dissonantes.

O principal “troféu” que Arnaldo tem é um quadro de parede. Nele, outro músico faz par na foto: Chik Corea, considerado um dos maiores pianistas internacionais. “Foi num concerto que ele deu na cidade, em 1995, e nós acabamos, depois, tocando juntos. A música escolhida? *Smille*, em ritmo de jazz”, explica. Na dedicatória, Corea inicia a homenagem com “all the best”. “Não tenho um troféu maior. Este é o meu grande orgulho. Afinal, nunca esperava que ele fosse me mandar um negócio desses”, diz Arnaldo.

Autodidata, ele explica que já nasceu músico. E mais: volta e meia os bancos de escola perdiam o menino Purchio para a lagoa do Bosque dos Jequitibás. Lá, Arnaldo, munido de uma gaita, tocava valsas de Strauss para os patos, cisnes e gansos que moravam ali. Não só: ele jura de pés juntos que todos saíam dançando. Assim, entre uma e outra repreensão, somada a muitos cascudos do

pai, o jovem músico ganhou a queda de braço. E o pai acabou dando de presente a Arnaldo um acordeon. A partir daí, o músico que estava preso se soltou de vez e a noite passou a ser sua morada e ponto de encontro.

“Em casa, meu pai tocava um pouco de piano e a minha mãe chegou a tocar harpa”, fala. Daí, o acordeon, seguidos depois do piano e do vibrafone, passaram a fazer parte da sua vida. O início de tudo foi na Boate Brasil, onde tocava com a autorização pai, por ter apenas 16 anos, além dos bailes do Tênis Clube. Mas, para Arnaldo, a profissão começou de forma efetiva no Armorial, considerado por muitos o melhor bar, restaurante e boate que já existiu em Campinas. “Foi em 1953, quando ele inaugurou. Fiquei mais de dez anos. Era chique. Foi lá que o presidente Juscelino Kubitschek me deu um abraço e fez festa depois que eu toquei *Peixe Vivo*”, diz.

Da vida campineira, Arnaldo foi para o mundo paulistano quando se integrou ao Conjunto do Robledo, como vibrafonista, e passou a tocar na noite da Capital, além de se apresentar na TV Record, no programa *Noite de Gala*, do apresentador Flávio Cavalcante, e TV Tupi. “Acompanhei vários artistas. Foi um tempo de grandes noites”, explica. Ele lembra com saudade ainda das apresentações da revista *Folies*, na década de 50, no extinto Teatro Municipal de Campinas, junto com alunas da Academia de Ballet Lina Penteado. “Foi uma tristeza destruírem aquele patrimônio. Ali você tinha uma programação constante. Eu mesmo acompanhei Francisco Alves, Gregório Barrios e Nora Ney, entre outros. Campinas perdeu muito”, sentença.



**João
Arnaldo
Purchio:**
"É
necessário
um lugar
para se
ouvir bossa
nova e
jazz"